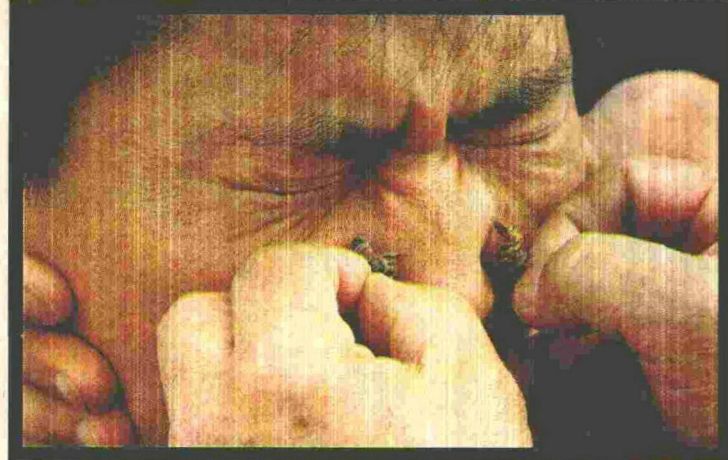


Pesquisa identifica gene ligado à alergia

RODRIGO CRAVEIRO

DA EQUIPE DO CORREIO

Pó, mel, gengibre, pêlos de animais, esmalte, produtos de limpeza, hidratantes, demaquilantes, leite, ovos, dipirona, batom, abacaxi... Pelo menos 8 milhões de brasileiros espirram de modo descontrolado ou ficam com a pele empolada quando entram em contato com esses produtos. “Começo a espirrar e tossir, fico com vermelhidão na pele e nos olhos, falta-me o ar, a garganta e os ouvidos coçam”, conta a estudante Renata Khodair, de 17 anos, de Americana (SP). Depois de examinarem 10 mil adultos e crianças ao longo da última década e mapear o genoma inteiro do ser humano, os cientistas encontraram a chave da alergia. “Descobrimos que



China Daily/Reuters

CHINESES USAM FERRÃO DE ABELHA CONTRA RINITE: GENÉTICA EXPLICA DOENÇA

certas variantes do gene FCER1A predispõem a altos níveis de alergia”, explica ao Correio o alemão Stephan Weidinger, dermatologista da Universidade Técnica de Munique e autor da pesquisa publicada na revista científica *PLoS Genetics*.

O gene FCER1A transporta informações para a cadeia alfa, uma parte essencial da célula FCER1, receptora para o anticorpo de imunoglobulina (IgE) — usado na proteção contra parasitas. “Em pacientes com doenças alérgicas, os anticorpos IgE são direcionados contra agentes inofensivos, como pólen e poeira. Por isso, os alérgicos podem ter até 10 vezes o

nível normal de IgE no sangue”, diz o cientista.

Segundo Weidinger, os IgE capazes de reconhecer um alérgeno interagem como receptores na superfície de algumas células imunes, os FCER1. “Essas células se tornam prontas para liberar várias substâncias químicas, em contato com o alérgeno. Por sua vez, essas substâncias provocam constrição das vias aéreas nas crises de asma, inflamação da pele no eczema e aumento do muco na rinite alérgica”, afirma o alemão. O especialista acredita que o “novo” gene fornecerá um alvo específico para algumas drogas desligarem a imunoglobulina e prevenirem a alergia.

Weidinger assegura que todas as pessoas têm o gene FCER1A, mas apenas 25% delas são portadoras de variantes capazes de aumentar a produção do receptor e os níveis de IgE, tornando maior o risco de doenças alérgicas. O cientista alemão lembra ainda que os anticorpos IgE desempenham papel-chave em muitos males, como asma, rinoconjuntivite alérgica, eczema atópica e alergia a comida. “De qualquer modo, talvez existam cinco ou mais genes que tenham forte efeito na suscetibilidade à alergia. É provável que haja outros genes determinantes do órgão afetado (pele, pulmões etc)”, comenta o alemão. Ele aposta na identificação de todos os genes nos próximos anos.

“Identificar o gene FCER1A nos oferece uma nova dimensão para a compreensão das doenças alérgicas e da regulação do agente-chave, o anticorpo IgE”, diz o autor do estudo. A ciência já reconhece os anticorpos IgE como importante alvo no tratamento de alergia e asma. “Uma nova terapia, o omalizumab — anticorpo monoclonal — reconhece o IgE não unido ao receptor e os neutraliza, impedindo-os de se colarem às células e evitando a alergia”, conta Weidinger.